

# **Etapas no pensamento linguístico de Ricardo Carvalho Calero**

**José-Martinho Montero Santalha**

-Universidade de Vigo-



Carvalho Calero, que acabou a sua vida profissional de docente como professor universitário –nos derradeiros anos na categoria de catedrático– de Língua e Literatura Galega, não era, no entanto, um lingüista «profissional»: a sua formação universitária não fora dirigida a uma especialização no campo linguístico-filológico. O estudo da língua (considerada quer na sua dimensão mais genérica como Linguística, quer nos aspectos mais particulares como Filologia) constitui na biografia de Carvalho Calero um momento serôdio: é como um terceiro período vital (ainda que sem rigidez cronológica): vem depois da criação literária (poesia, narrativa, teatro) e da crítica literária.

Bem é certo que já nestas duas primeiras facetas do seu labor intelectual a língua constituía como a atmosfera, pois é evidente que tanto a criação literária como a crítica trabalham fundamentalmente sobre a palavra, porém mais frequentemente pressuposta do que expressamente analisada. Pelo contrário, na faceta linguística o idioma passa a constituir-se não já em atmosfera envolvente mas em objecto de observação e análise.

Com efeito, em Carvalho Calero deu-se como um trânsito natural, do campo da (criação e da) crítica literária ao dos estudos linguísticos.

É óbvio, porém, que esta transição não podia ser improvisada, visto o grau de especialização e de longo estudo que a Linguística e Filologia actuais exigem. Como chegou então Carvalho a possuir a excelente formação linguística dos seus últimos anos (e a desempenhar, graças a ela, uma função tão decisiva na compreensão social que muitos temos da língua da Galiza)? Qual foi o processo que o levou a essa situação?

Na presente achega distinguirei, com finalidade didáctica, três possíveis etapas nesse processo vital, às quais antecede uma etapa prévia; assim:

- 1 A etapa prévia: as bases da (futura) formação filológica de Carvalho Calero.
- 2 Primeira etapa: a língua galega na literatura galega; isto é: a língua dos escritores (Rosalia, Pondal, Curros...), estudada como uma parte da investigação literária.
- 3 Segunda etapa: a língua como centro de atenção em si mesma (a Gramática, docência universitária, e estudos diversos de índole filológica).
- 4 E terceira etapa: o futuro da língua, ou a língua da Galiza como “extensa e útil” (etapa reintegracionista).

### **1. A etapa prévia: as bases da (futura) formação filológica de Carvalho Calero**

Na origem última da (progressiva) formação linguística de Carvalho Calero podemos estabelecer dois principais factores determinantes, mas prévios:

- 1 A preocupação linguística inerente a todo o movimento galeguista, consciente de que a língua da Galiza constitui o signo fundamental da identidade cultural e sociológica da colectividade galega;
- 2 Os conhecimentos linguísticos adquiridos na etapa de formação.

Portanto, a base teórica desta formação filológica está nos estudos humanísticos dos seus anos de aprendizado, liceal e universitário, fundados por sua vez na preferência temperamental do jovem Carvalho pelas matérias de Letras.

No entanto, os estudos de licenciatura em Letras na Universidade de Santiago não puderam significar um grande avance no enriquecimento filológico. O próprio Carvalho tem feito referência, por um lado, ao estudo científico do latim com o professor Abelardo Moralejo (que vinha a completar os conhecimentos mais memorísticos adquiridos em Ferrol, durante a infância, com o professor Manuel Comelhas), e, por outro, ao interesse que suscitavam no alunado as classes de Cotarelo Valledor sobre fonética histórica: esta ciência significava para os jovens universitários galegos dos anos 1920-30 como o descobrimento de um mundo novo.

Assim lembrava Carvalho as aulas de Cotarelo:

[...] xa teño às veces lembrado que me matriculei no curso que era à vez primeiro de Filosofía e Letras e preparatório de Dereito, que constava de tres

asignaturas: *Lingua e Literatura Españolas*, da que era o profesor-catedrático don Armando Cotarelo Valledor; *História de España*, que explicava don Ciriaco Pérez Bustamante, e outra asignatura de *Filosofía* –nom lembro exactamente se chamada *Lóxica Fundamental*, ou *Filosofía*, ou como– que estava a cargo dun catedrático de Instituto, don Ramón Gallego, que era auxiliar na Facultade. Desde logo, estes profesores, naturalmente, tiveron influencias no meu desenvolvemento intelectual, mas dos tres aquel con quen tiven unha maior relación persoal foi don Ciriaco Pérez Bustamante, porque don Armando Cotarelo Valledor, a quen vin, sen embargo, e tratei no Seminario de Estudos Galegos, non tardou en trasladar-se a Madrid, de xeito que non me relacionei muito con el, aínda que lembro as súas clases, nas que me inicié na *Fonética Histórica*. El explicava *Lingua e Literatura Españolas*, pero combinando-a co estudo da *Lingua e da Literatura Galegas*. A *Fonética Histórica*, de tipo menendezpidaliano, interesava-nos muito; era para os estudantes de bacharelato, en xeral, unha novidade e fomos moitos os que nos afeizoamos a este estudo. Neste sentido claro está que don Armando influeu en nós; sen embargo, tratava-se principalmente cos membros da anterior xerazón, ou promozón mellor, dos fundadores do Seminario (Fernán-Vello & Pillado Mayor 1986: 42).

Se de Abelardo Moralejo non há dúbida de que estaba ao día da ciencia filolóxica, non podemos dizer o mesmo de Cotarelo Valledor: os seus trabalhos, que nos descubrem no autor un bom conhecedor da historia cultural e literaria e dos seus métodos, delatan tamén as súas debilidades no campo filolóxico.

Se, apesar destas deficiencias na formación recibida, algúns alumnos chegaron a ser bons filólogos, é que houve un esforzo persoal que, como acontece com frecuencia, foi capaz de compensar as lacunas do currículo universitario. Este deveu de ser tamén o caso de Carvalho Calero: a súa magnífica formación filolóxica dos últimos anos, sempre bem informada até dos desenvolvementos mais recentes (embora estivesse longe da atitude ingénua de adhesão a toda novidade), era o fruto de un inteligente esforzo persoal de autodidacta.

## **2. Primeira etapa: a lingua da literatura galega ou da literatura à lingua**

Podemos afirmar que uma primeira etapa de interesse «técnico» pelo estudo linguístico foi provocada em Carvalho Calero por influxo do seu longo labor de análise literaria (pois é sabido que muitas vezes a análise literaria anda perto da análise linguística do texto, e por vezes até coincide).

Efectivamente, nos seus estudos de crítica literária pode observar-se que a preocupação pela análise do instrumento linguístico foi *in crescendo* na vida de Carvalho Calero. Vemos aí que, ao realizar a análise literária dos diversos escritores, introduz com frequência algumas referências à língua por eles empregada: normalmente é na parte final do estudo dedicado a cada autor onde costuma incluir algum parágrafo em que ajuíza em breves traços o uso linguístico.

Tomemos alguns exemplos da *Historia da literatura galega contemporánea* (Carballo Calero 1975). Dos escritos literários do gramático Mirás critica «a consagração absoluta da gheada» e do sesseio na escrita (1975: 99-100). Ao também gramático Saco Arce censura-lhe o uso, nos seus poemas, de «certas formas ásperas do dialecto ourensano» (por exemplo, *curazón, cuntigo, xúbelo, látego* –tal vez mais vulgarismos que dialectalismos propriamente ditos–), e a extensão do ditongo *ou* a vocábulos em que etimologicamente não existe, por ultracorreção anti-castelhana (por exemplo, *adourai, hourizontes*, em vez de *adorai, horizontes*) (1975: 113). Ao estudar o poeta berciano Fernández Morales apresenta as características da fala berciana (1975: 114-115). A análise da língua torna-se estensa e detalhada ao tratar dos três grandes poetas do nosso Ressurgimento: Rosalia, Pondal, Curros<sup>1</sup>. Dos escritores posteriores, prestou mais demorada atenção à língua de Ramom Cabanilhas (1975: 592-593).

### 3. Segunda etapa: a língua como centro de atenção *dem si mesma*

O primeiro estudo de Carvalho de carácter propriamente linguístico foi a *Gramática*, intitulada *Gramática elemental del gallego común* (Carballo Calero 1979)<sup>2</sup>. Com este livro Carvalho Calero fez-se presente no campo da Linguística galega com uma obra que, apesar de ser a primeira sua neste domínio da ciência, já era uma obra magistral.

---

1 Sobre Rosalia, Pondal e Curros, veja-se, respectivamente, Carballo Calero (1975; 175, 228-232; 1975: 310-313; 1975: 385-393)

2 1ª ed. em 1966 (268 pp.); 2ª em 1968 (288 pp.); 3ª ed. em 1970 (340 pp.); 4ª ed. em 1974 (332 pp. = 5ª e 6ª); 7ª ed. em 1979 (348 pp.). Sobre a primeira edição desta obra, veja-se Vázquez Cuesta (1967). Para uma perspectiva mais geral, veja-se Sánchez Rei (2008)..

### 3.1. A origem da *Gramática*

Antes de mais, merece salientar-se o facto curioso de que foi uma obra feita por encargo: por solicitude dos responsáveis da Editorial Galaxia. Algo parecido sucedera também com a outra obra fundamental de Carvalho Calero: a *Historia da literatura galega contemporánea (1808-1936)* (Carballo Calero 1963-1975).

O próprio Carvalho explicaria a origem da *Gramática*:

[...] non había nengunha gramática galega a disposición dos lectores: estaban esgotadas as gramáticas clásicas máis ou menos científicas, a de Mirás, a de Cuveiro, a de Saco e Arce. Entón pedíuseme que escribese unha gramática, que se publica no ano 66 (Blanco 1989: 96).

Esa gramática foime solicitada polos amigos que programaban a actividade editorial de Galaxia con vistas a proporcionar aos estudiosos e aos estudantes de galego un instrumento que lles permitise orientarse no coñecemento da lingua galega sobre a base de métodos e enfoques modernos (Blanco 1989: 179)<sup>3</sup>.

### 3.2. O processo de elaboração da *Gramática*

Interessa ressaltar, antes de mais, que, a pesar de que a *Gramática* se publicou –muito oportunamente– quando já Carvalho era professor de Língua Galega na Universidade de Santiago, tanto a decisão de compor esse livro como a maior parte do trabalho de elaboração são anteriores não só à docência universitária mas também à eventualidade de que essa docência pudesse vir a dar-se.

Pelos epistolários já publicados podemos seguir com bastante precisão o processo de gestação e de elaboração da obra. Pelo ano 1960 surgiu no seio da Real Academia Galega a ideia de elaborar uma gramática, sentida como necessidade urgente por toda a cultura galega. Na reunião que a RAG celebrou no dia 3 de novembro de 1960, a Junta de Governo ficou autorizada para designar uma comissão que estudasse o assunto. Em carta a Fernández del Riego, escrita em Fingoi (Lugo) em 13 de fevereiro de 1961, Carvalho Calero faz alusão a esse projecto da Real Academia Galega:

A Academia citoume pra unha xuntanza o sábado. Trátase da Comisión de Gramática e Antoloxía. Vou ter que renunciar á cadeira, pois éme imposibre

---

3 Em Blanco (1989: 179-181) explica outros aspectos interessantes sobre a elaboração desta obra nas sucessivas edições.

me encarregar de ningún traballo máis. Mal atendo ao que teño e estou terriblemente surmenagé. Ide pensando en quen convén presentar pra a miña vacante. Non sei se iréi ou non. Tería que abandonar as crases do sábado. (Carballo Calero 2006: 293-294).

A propósito deste projecto de elaborar una gramática, Ramom Pinheiro elaborou um informe em que sugeria adiar tal empresa, visto que a Real Academia Galega não dispunha nesse momento de información suficiente para realizá-la satisfatoriamente. Carvalho terá que intervir ao respeito:

É o meu propósito asistir á xuntanza extraordinaria da Academia que se celebra o 16, pois estóu mesturado no asunto de si se debe ou non facer unha gramática, polo meu dictame sobre o informe de Piñeiro. Se non mo impiden, pois, as miñas angueiras, aló iréi (Carballo Calero 2006: 348-349).

Em carta de Ramom Pinheiro a Carvalho, datada em Compostela a 15 de janeiro de 1962, afirma Pinheiro: «Agora estou cos apéndices do Dicionario de D. Eladio, que me enredan enormemente. Logo teño que me ocupar do choio da Gramática, do que penso falar longamente contigo na primeira ocasión que vaia por Lugo (que procurarei que seña axiña)» (Piñeiro 2004). Nesse momento Carvalho encontra-se ocupado em dar a última demão à primeira edición da *Historia da literatura galega*. Em carta a Fernández del Riego datada a 5 de março de 1962, falando desse traballo, há uma alusão ao projecto da *Gramática*: «Vou intentar unificar un pouco máis a morfoloxía, pero dado o dialectalismo da nosa fala e as dimensións da obra, é ilusorio pensar nunha unificación rixida. Tería que facer primeiramente a miña Gramática Galega, e sería o conto de nunca acabar» (Carballo Calero 2006: 318-319).

Como vemos, surge já aqui a ideia, talvez ainda incerta, de elaborar uma gramática galega. Com o passo dos meses, essa ideia deveu de ir tornando-se já projecto fimeamente decidido. Mas as suas ocupações nessa altura não lhe deixavam tempo livre. Pouco a pouco, porém, a ideia vai-se aproximando da realidade. Em 19 de janeiro de 1964 lamenta não ter ainda podido iniciar a redacção da *Gramática*, ocupado em outras encomendas; mas o projecto dela não deixa de agitar-se na sua mente: «Estou co breviario antolóxico que me encarregáchedes os académicos a voltas, e como teño que transcribir e traducir os testos, vou máis lentamente do que convén. Da Gramática polo de agora non hai máis que darlle voltas na cabeza. É horrible» (Carballo Calero 2006: 383).

Em carta datada em Compostela a 1 de fevereiro de 1964, Ramom Pinheiro manifesta a sua alegria porque Carvalho lhe teria manifestado que vai definindo o projecto da futura *Gramática*: «Alégrome ben de que vaia madurecendo na tua mente



o plan da futura Gramática. Non me parece mala idea a de lle poñer un vocabulario como apéndice. Entre nós esas cousas sempre son útiles» (Piñeiro 2004).

Em 9 de marzo de 1964 escribe Carvalho a Fernández del Riego, manifestando-lhe a intención de não envolver-se em outros compromissos, a fim de poder finalmente centrar-se na redacción da *Gramática*:

Agora percuró non comprometerme con outros traballos pra poder encetar a Gramática, que estáu ordeando na mente. Pero os problemas do Colexio abáfanme e amargúranmee de xeito que non sei o que poderéi facer [...]. O escaso tempo que non invirto en me desesperar por mór do Colexio, emprégo nos traballos preparatorios da Gramática, tendo arrumbadas as follas xa escritas do segundo capítulo do segundo tomo da Historia, cuio primeiro capítulo supoño que continúa no teu poder. Se non me fallan os azos, poñeréime xa a redactar o traballo axiña (Carballo Calero 2006: 384-387).

Em carta de 24 de agosto de 1964 a Fernández del Riego podemos ver que Carvalho está aproveitando as suas férias de verão para redigir a *Gramática*:

Éme [ms. Heme] de todo ponto indispensable a utilización dos Elementos de gramática histórica gallega, de Vicente García de Diego, Burgos, 1906, libro que escasea, e que non poiden me percurar polos meus propios medios. Necesíto precisamente pra a parte do meu traballo en que agora estáu medido, e que ficará paralizado ate que dispoña daquil libro. Hai, pois, que dar con il. Se non o tedes moi a man, conviría se dirixir a Ferro Couselo, pois teño unha vaga idea de que il pode telo, ou localizalo en Ourense. Traballo en moi malas condicións. Unha chea de circunstancias adversas e de complicados problemas conspiran pra coutar o meu labor ou me tirar as forzas –xa ben minguadas– pra facelo. Non sei qué poderéi dar de min (Carballo Calero 2006: 390).

Em maio de 1965 o traballo aínda não ficou concluído. Pinheiro escribe a Carvalho desde Santiago em data 4 de maio:

Veño de recibir a tua carta e maila nota encol do libro de Lapa. Dende logo, eu estou completamente de acordo con todo o que dis na tua carta respecto da absoluta prioridade da Gramática a calquer outro traballo. En realidade eu sempre participéi dese criterio e si semella incongruente con il o feito de che pedir o traballo sobre Pimentel, a contradición non é máis que aparente porque eu partía do suposto de que tiveras a conferencia escrita, en cuio caso non había gran incomenente en aproveitala nesta ocasión para o GRIAL 8. Queda, naturalmente, pra cando seña oportuno. Non sería eu quen che reprochase o tempo que «gastas» en preparar e mobilizar ás raparigas e máis ós rapaces pra levar a cabo iniciativas de tipo cultural. Pola contra, coido que ise aspecto do teu labor e importantísimo, porque é fecunda semente pra o futuro. Con menos froito que ti, eu teño «perdido»

moitos milleiros de horas en tarefas máis ou menos semellantes. Por eso sei moi ben a enorme importancia que eso ten. Tanto os Xogos Florás de Compostela, como a homenaxe a Pimentel, como a clausura do curso de galego coa representación de «Pimpinela» son cousas que merecen todo o tempo que se lles consagre. Entre a posta de «Pimpinela» e un retraso de un mes na aparición da Gramática, coido preferible o retraso da Gramática (Piñeiro 2004).

Finalmente a obra saíu à luz em 1966.

### 3.3. O êxito da *Gramática*

Já desde essa primeira edição de 1966 a *Gramática* de Carvalho Calero foi recebida com entusiasmo por toda a cultura galega e constituiu um grande êxito editorial. Nos anos sucessivos saíam novas edições, revistas e renovadas de distintos modos, até a última, a sétima, de 1979. Como característica fundamental, comum às sucessivas edições, podemos salientar o equilíbrio entre uma finalidade descritiva e uma intenção mais normativa: oferece informação muito rica sobre os diversos aspectos da língua, e ao mesmo tempo sugere claramente um caminho para a construção da língua literária e culta em geral.

A professora Maria do Carmo Henriques Salido analisou as modificações que se podem descobrir nas sete edições da *Gramática* de Carvalho. Como conclusão ressalta três factores determinantes:

- 1 A «grande preocupação [...] por manter a sua Gramática [...] actualizada, conforme o avanço dos estudos e das investigações sobre o galego»;
- 2 Uma «progressiva aproximação à concepção unitária da língua galego-portuguesa moderna e conseqüente restituição da ortografia histórico-etimológica em galego»; e
- 3 Uma «clara consciência da necessidade de separar a língua popular da língua culta na constituição do galego comum, pois que a língua popular nom deve ser a única base para construir o galego exemplar» (Henriques Salido 1999: 95).

No prólogo da derradeira edição (1979) o autor declara-se ainda insatisfeito da sua obra. A situação sócio-política mudara (desaparecera o franquismo) e iniciavam-se os passos de introdução da língua na vida pública e oficial –e portanto nos planos de ensino–, donde estivera até entom proscrita:

Muchos importantes acontecimientos que afectan a la lengua gallega se han producido desde 1974, fecha de la cuarta edición de este libro, de la que son reproducciones literales la quinta y la sexta.

Estos acontecimientos deben repercutir en la gramática del gallego. Como consecuencia de los estudios científicos y de política lingüística últimamente publicados, nuestro concepto del idioma es más rico y más profundo (Carballo Calero 1979: 11)<sup>4</sup>.

Noutros escritos desses anos expôs longamente as ideas que subjaziam nestes dize-res. Doravante a «política da língua» já não podía resignar-se a ir mantendo uma resistência de qualquer modo, como tivera que ser até essa hora, mas devia projectar uma perspectiva de futuro atendendo a todos os factores que condicionam o desenvolvimento das línguas no mundo contemporâneo. Se no passado a língua da Galiza conseguira resistir quase milagrosamente –outras, como várias das línguas indígenas americanas, submetidas a um processo similar e contemporâneo, desapareceram–, tudo agora nos leva a pensar que as condições que tornaram possível esse milagre não iam manter-se no futuro.

Tudo isto exigia um reajuste na óptica com que se observava a língua, e conseguintemente uma reconsideração dos critérios normativos:

Aunque en materia de normatividad continuamos profesando nuestro viejo liberalismo, la conciencia de que el gallego, como idioma hispánico occidental, no debe volver las espaldas a las otras formas del romance atlántico, nos aconsejaría hoy en algunos casos una distribución distinta (Carballo Calero 1979: 12).

Por isso confessa que lhe gostaria fazer da sua *Gramática* um livro distinto: «Hubiéramos preferido escribirlo totalmente de nuevo, es decir, hacerlo otro, hacer otro» (Carballo Calero 1979: 11).

Porém, a reediçãourgia<sup>5</sup> e não era momento de pôr-se a reelaborar radicalmente a obra. Mas o critério para o futuro aparecia já formulado com nitidez: «La necesidad de una reintegración del gallego en su mundo originario se nos aparece más clara, y ello nos impondrá en el futuro inevitables retoques» (Carballo Calero 1979: 12).

---

4 Entre os «estudios científicos y de política lingüística» a que faz referência devemos contar os de Lapa (1973) e Corominas (1976).

5 Explicava que «agotada la sexta edición, se nos pide que preparemos la séptima con la máxima urgencia» (Carballo Calero 1979: 11).

Realmente, depois desse momento, Carvalho, retirado da função docente e dedicado a outros trabalhos, parece ter renunciado à ideia de editar uma nova gramática, que, em tal hipótese, seria seguramente uma *Gramática galega da língua portuguesa*.

De feito, alguns anos mais tarde, pelo 1984, depois de que o filólogo brasileiro Celso Cunha e o português Luís Filipe Lindley Cintra publicaram a sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Cunha & Cintra 1984), começou a configurar-se por estes dois co-autores um projecto de incorporar Carvalho Calero como terceiro co-autor para uma nova edição desta Gramática, aumentando também as informações ali contidas sobre o português da Galiza e os exemplos de escritores galegos. Mas a doença, primeiro, e, depois, a morte de ambos impediu que essa projectada iniciativa tivesse cumprimento.

### 3.4. Outros estudos linguísticos da etapa universitária (até 1980)

Desde a aparição da *Gramática* em 1966 até o fim da vida (1990) não deixou Carvalho de publicar trabalhos de diversa índole sobre a língua da Galiza.

Em 1970-71 fazem-se públicas as *Normas ortográficas e morfológicas*<sup>6</sup> da Academia Galega (RAG 1971) em cuja elaboração o papel de Carvalho Calero foi fundamental (embora não se devam a ele algumas incoerências, aliás leves, resultado de emendas de última hora por parte de algum académico, mal integradas no conjunto). Esta normativa, no momento em que começavam a perceber-se os primeiros sinais de uma próxima mudança sócio-política que jogaria um papel decisivo no futuro da língua da Galiza, oferece já um rumo claro em direcção à reintegração. Daí procedem alguns elementos naquela altura novos mas hoje habituais na língua culta, mesmo na normativa desintegracionista, como o plural em *-ais* (do tipo *animais* frente ao até então mais comum *animás* e ao castelhano *animales*, propugnado num primeiro momento pelo ILG [«Instituto da Língua Galega»]). A fundação, nesse mesmo ano 1971, do ILG, com uma normativa em aberta rebelião frente à académica e, sobretudo, com uma concepção oposta do nosso idioma e do seu futuro, viria introduzir no panorama cultural galego o conflito das normativas, alimentado mais pelos apoios políticos em que se esteia a tendência desintegracionista do que pela própria dinâmica da cultura galega.

---

6 Ainda que publicadas aqui conjuntamente, as normas ortográficas (RAG 1971: 3-26) foram aprovadas em 15 de fevereiro de 1970, e as morfológicas (RAG 1971: 27-30) em 4 de julho de 1971. Publicou-se uma segunda edição deste folheto em 1977, com apenas leves mudanças no conteúdo.

No mesmo ano 1971 recolhem-se em livro vários trabalhos seus anteriormente publicados, sob o título *Sobre língua e literatura galega* (Carballo Calero 1971). Trata-se de uma colectânea de 30 estudos diversos, distribuídos em três secções de dez cada uma, as quais, ainda que carecem de título, correspondem tematicamente assim: I a «Literatura galega contemporânea», II a «Literatura galego-portuguesa medieval», e III a «Linguística galego-portuguesa». Como se vê, é a terceira secção a que diz referência ao campo linguístico. Os trabalhos incluídos nela (pp. 209-274) são os seguintes:

- 1 «Modalidades do galego» (1969), pp. 211-228.
- 2 «Gheada» (1968), pp. 229-232.
- 3 «Proviço e porviso» (1981), pp. 233-235.
- 4 «Alomear en Rosalía», pp. 236-242.
- 5 «O sufixo -BILE en Rosalía de Castro», pp. 243-254.
- 6 «Contribución al diccionario gallego» (1968), pp. 255-256.
- 7 «Elementos de gramática gallega, por Marcial Valladares Núñez» (1970), pp. 257-260.
- 8 «Documentos galegos medievás» (1967), pp. 261-265.
- 9 «A sintaxe do verbo e os tempos do pasado em portugués» (1969), pp. 266-268.
- 10 «*Obra completa* de Leiras Pulpeiro» (1970), pp. 269-274.

Entre esses estudos de carácter linguístico podemos ressaltar, pelo seu valor ainda hoje permanente, o primeiro deles, intitulado «Modalidades do galego», em que apresenta uma classificação dos actuais falares do português na Galiza (Carballo Calero 1971: 211-228).

Sobre esta obra publicou Ramom Pinheiro uma recensão na revista *Grial* (Pinheiro 1971). Pinheiro manifesta aí admiração pela obra de Carvalho, nos dois campos (língua e literatura galega) a que pertencem os trabalhos recolhidos no livro resenhado: tanto «como historiador e crítico da literatura galega» (onde o considera a principal figura no panorama galego do momento) quanto como linguista (afirma que a *Gramática* de Carvalho «é a millor Gramática da lingua galega con que contamos deica hoxe»).

Em 1972 a Universidade de Santiago publica o seu livro *Particularidades morfológicas del lenguaje de Rosalía de Castro* (Carballo Calero 1972) o que na *Historia da literatura galega contemporânea (1808-1936)* era um esboço limitado pela finalidade literária daquele estudo, faz-se aqui análise demorada de vários pontos do idioma empregado pela nossa grande poetisa. Estuda concretamente a formação do plural

dos nomes acabados em *-l* e em *-n* (= *-m*), as soluções dadas por Rosalia aos resultados dos sufixos latinos *-BILEM* e *-TATEM*, *-TUTEM*, e certas formas verbais.

A partir do ano 1976 começa a aparecer a antologia de *Prosa galega*, publicada em três volumes (CLL 1976, CLL 1978 e CLL 1980, respectivamente) pela sua Cátedra de Linguística e Literatura Galega, obra a que já fizemos referência quando tratamos do seu labor de edição de textos literários<sup>7</sup>. As mostras prosísticas aí antologizadas de toda a história literária galega, desde a época medieval até os nossos dias, respondem tanto como ao valor literário dos textos, ao interesse linguístico dos materiais.

Em 1980 saem à luz as *Normas ortográficas* da Comissão de Linguística nomeada pela Junta da Galiza e presidida por Carvalho Calero (*Normas* 1980)<sup>8</sup>. Estas normas significavam, naquela altura, um entendimento ou um compromisso entre as duas tendências, reintegracionista e anti-reintegracionista. Logo de aprovadas pela Comissão, o Governo Galego assumiu-as primeiramente, mas pouco depois deixou-se embaucar pelo sector anti-reintegracionista e veio a desautorizá-las na prática, e, finalmente, a substituí-las por outras elaboradas unicamente por gente dessoutra tendência.

#### **4. Terceira etapa: o futuro da língua da Galiza como «extensa e útil» (etapa reintegracionista)**

Nos seus trabalhos sobre a língua, com suma frequência, às vezes de passagem mas nalgumas ocasiões com certa demora, Carvalho Calero desenhou a situação social da língua portuguesa na Galiza, tanto nas diversas épocas passadas como no momento presente. Nos últimos 15 anos, ademais, a sua preocupação voltava-se para o futuro: as perspectivas de supervivência da língua. Neste ponto inserem-se muitas das suas achegas sobre a unidade linguística galego-portuguesa, que ele afirmava com energia ser condição *sine qua non* para qualquer futuro do nosso idioma.

---

7 Nos três volumes aparece como autor «Cátedra de Linguística e Literatura Galega», o que o próprio Carvalho explica no «Prólogo» do derradeiro volume como «a equipa da mesma constituída polo seu titular e as profesoras ayudantes señoras Carme García Rodríguez e Lidia Fontoira Suris» (CLL 1980: 7).

8 Sobre estas normas veja-se Rábade (1980).

#### 4.1. Um futuro para a língua

Carvalho preocupava-se da nossa língua tanto nos aspectos técnicos como nos sócio-políticos. Neste segundo campo é conhecida a sua postura em prol da unidade linguística galego-portuguesa (veja-se Montero Santalha 1986). Ele tornou-se assim um dos principais formuladores da concepção unitária do idioma da Galiza como parte da língua portuguesa, do «romance ibérico ocidental» na denominação filológica que lhe era tam cara.

Especialmente nos últimos quinze anos da sua vida, quando as circunstâncias sócio-políticas infundiram mais urgência ao problema, não se cansou de repetir, perante a incompreensão e mesmo a hostilidade de muitos, que só nesse processo reintegrador pode existir um futuro que reabilite a antiga vitalidade do nosso idioma nativo. Não se cansou de afirmar uma e outra vez, em distintos foros, que o idioma da Galiza não tem, para a sua supervivência, outra alternativa que esta: ou ser galego-português (isto é: formar parte plenamente da área linguística portuguesa) ou ser galego-castelhano (isto é: ficar reduzido a um dialecto da língua espanhola, com certas características «ocidentais» de carácter quase substratístico, como sucede por exemplo com o leonês).

Uma e outra vez repetiu, tanto em intervenções escritas como orais, que é contrário à ciência filológica pretender fazer da língua da Galiza um idioma independente do português; e que, ademais, esse imaginário monstro embriológico, que teria sido concebido serodidamente por uma estranha fecundação do castelhano sobre a língua portuguesa autóctone, não poderá sobreviver como um idioma normal; e que, finalmente, a ameaça do espanhol é tam forte e tam arreigada que, nem com as mais favoráveis medidas políticas, nunca será possível vencê-la se a língua não está alimentada pela seiva vital que corre sã e vigorosa no restante âmbito da nossa área linguística natural:

O galego ou é galego-português ou é galego-castelán. Ou somos uma forma do sistema ocidental ou somos uma forma do sistema central. Nom hai outra alternativa. Um galego em oposiçom à vez ao português e ao castelán é impossível. Um anám nom pode lutar com dous gigantes que cruzam os seus fogos (Carvalho Calero 1981: 20).

E explicava que eram dous fundamentalmente os aspectos que exigiam um esforço consciente por parte dos galegos:

**1 No terreno ortográfico:** a recuperação da nossa ortografia genuína. No campo ortográfico, reintegrar equivale simultaneamente a: 1) descastelhanizar o nosso

sistema ortográfico; e 2) recuperar a nossa tradição ortográfica genuína. Uma ortografia substancialmente comum permitirá uma normal permeabilidade entre as nossas produções escritas e as do restante mundo lusófono.

**2 No terreno morfológico:** aqui será precisa uma atenção –que não quer dizer submissão total– à normativa morfo-sintáctica dos nosos irmaos de língua para que também o nosso uso culto do idioma se discipline com uma consciência de unidade que não se fecha na fronteira –política que não linguística– do rio Minho e da «raia seca»:

Uma concórdia ortográfica, quando menos, e uma inteligência na opção das formas linguísticas que integrariam, sem prejuízo das peculiaridades do galego, o veículo geral de comunicação, serem indispensáveis.

Deste jeito, seríamos o que somos, voltaríamos a ser quem fomos: o romance mais ocidental, nom esnaquiçado em dous anacos isolados, senom reintegrado numa unidade sistemática que nom exclui a autonomia normativa (Carvalho Calero 1981: 20).

E advertia que esse processo de reintegração não afecta a fonética galega, em geral legítima: não se trata, pois, de «falar como os portugueses», como alguns tendem a crer.

#### 4.2. Trabalhos linguísticos da última década (1981-1990)

Enumero a seguir de modo sumário outros trabalhos linguísticos dos derradeiros anos. O seu livro *Problemas da língua galega* foi publicado em 1981 pela editora Sá da Costa, de Lisboa, na sua colecção «Noroeste» (Carballo Calero 1981). É a sua primeira obra que aparece escrita em ortografia reintegrada. Em 1983 publica-se o livro *Da fala e da escrita* (Carvalho Calero 1983) que recolhe outros trabalhos linguísticos seus, a maioria deles publicados no tempo imediatamente precedente. No seu conjunto, esta obra é quiçá a que apresenta o melhor resumo das suas ideias sobre a problemática da língua da Galiza. Em 1984 a Associação Galega da Língua (AGAL) edita uma nova colectânea: *Letras galegas* (Carvalho Calero 1984) que inclui alguns estudos linguísticos ao lado de outros literários. A partir de 1985 aparecerão na revista *Agália* vários artigos sobre problemas da língua. Alguns focam perspectivas de índole mais sociológica; outros ocupam-se de aspectos de normativa (veja-se Carvalho Calero 1985a, 1985b). E finalmente, já póstumo, apareceu *Do galego e da Galiza* (Carvalho Calero 1990), nova compilação de estudos e artigos diversos, produzidos no último período da sua vida.



## **5. À maneira de conclusão: ética e ciência da língua**

A obra linguística de Carvalho Calero é todo um mundo, rico e surpreendente, que vai muito além do puramente «técnico». Será oportuno concluirmos com uma reflexão de índole mais personalista.

Focando em conjunto o seu labor linguístico, podemos salientar nele duas características. Por uma parte, percebe-se nos seus escritos uma «ética do idioma»; isto é: uma atitude moral perante essa realidade viva que é a língua portuguesa da Galiza. O nosso idioma não é nesses trabalhos um mero objecto de estudo científico, frio, neutro, indiferente. Muito menos é um meio de «fazer carreira», um trampolim para alcançar méritos científicos. Para ele antes ao contrário: muitas vezes foi um obstáculo, motivo de sofrimentos, perseguições e discriminações nas diversas fases da sua vida. A língua portuguesa da Galiza é na sua obra uma realidade viva e humana, que suscita um compromisso pessoal: é a língua de um povo, a alma de uma cultura.

Por outra parte, na história dos estudos linguísticos galegos Carvalho Calero significa a introdução do rigor científico moderno. Não basta o compromisso ético com o idioma, não é suficiente a boa vontade: é precisa ademais a competência científica. Contando com escassos precedentes, e estes mais bem de autores estrangeiros, Carvalho estabeleceu nos estudos linguísticos da Galiza o rigor metodológico da moderna Filologia Românica.

## Referências bibliográficas

- Blanco, C. (1989): *Conversas con Ricardo Carballo Calero* (Vigo: Editorial Galaxia).
- Carballo Calero, R. (1971): *Sobre lingua e literatura galega* (Vigo: Editorial Galaxia).
- Carballo Calero, R. (1972): *Particularidades morfológicas del lenguaje de Rosalía de Castro* (Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela).
- Carballo Calero, R. (1975) [1963]: *Historia da literatura galega contemporánea* (Vigo: Editorial Galaxia).
- Carballo Calero, R. (1979) [1966]: *Gramática elemental del gallego común* (Vigo: Editorial Galaxia).
- Carballo Calero, R. (1981): *Problemas da língua galega* (Lisboa: Sá da Costa Editora. Colección Noroeste).
- Carballo Calero, R. (2006): *Epistolario a Francisco Fernández del Riego; Transcripción e edición: Dolores Vilavedra e Montserrat Pena* (Vigo: Editorial Galaxia).
- Carvalho Calero, R. (1990): *Do galego e da Galiza* (Barcelona: Sotelo Blanco).
- Carvalho Calero, R. (1983): *Da fala e da escrita* (Ourense: Galiza Editora).
- Carvalho Calero, R. (1984): *Letras Galegas* (A Coruña: Associação Galega da Língua).
- Carvalho Calero, R. (1985a): «O problema ortográfico», *Agália* 2, 127-134.
- Carvalho Calero, R. (1985b): «Para umha história da ortografia galega: A ponência de 1979», *Agália* 2, 223-233.
- CLL = Cátedra de Lingüística e Literatura Galega (ed.) (1976): *Prosa galega I: Desde os primeiros oitocentistas ao grupo Nós*; (1978): *Prosa galega II: Dos novecentistas aos nosos días*; (1980): *Prosa galega III: Da época trovadoresca ao neoclasicismo* (Vigo: Editorial Galaxia).
- Corominas, J. (1976): «Sobre a unificación ortográfica galego-portuguesa», *Grial* 53, 277-282.

Cunha, C. & Cintra, L. F. Lindley (1984): *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Lisboa: Edições João Sá da Costa).

Fernán Vello, M. A. & Pillado Mayor, F. (1986): *Conversas en Compostela con Carballo Calero* (Barcelona: Sotelo Blanco Edicións).

Gil Hernández, A. (1992) «Dos *Estudos* do Prof. Rodrigues Lapa aos *Problemas* do Prof. Carvalho Calero», em Henríquez Salido, M. C. (ed.), *Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, 561-567 (A Corunha: Associação Galega da Língua).

Henríquez Salido, M. do C. (1999): «As “rectificações” nas edições da *Gramática* do Professor Ricardo Carvalho Calero», em Henríquez Salido, M. C. & Esparza Torres, M. A. (eds.), *Estudios de historiografía lingüística hispánica ofrecidos a Hans-Josef Niederehe*, 73-96 (Vigo: Departamento de Filología Española / Universidade de Vigo).

Lapa, M. Rodrigues (1973): «A recuperação literária do galego», *Colóquio / Letras*, 13; reproduzido esse mesmo ano em *Grial* 41, 278-287.

Montero Santalha, J.-M. (1986): «Um texto ensaístico: A normatização do galego, segundo o Prof. Carvalho Calero», em Gil Hernández, A. (coord.), *Comentário de textos literários*, 453-478 (Madrid: Alhena Ediciones).

Normas = Xunta de Galicia, Consellería de Educación e Cultura, Comisión de Lingüística (1980): *Normas ortográficas do idioma galego* (Santiago de Compostela: Xunta de Galicia).

Piñeiro, R. (1971): «[Recensão de] Sobre lingua e literatura galega (Vigo 1971)», *Grial* 34, 503-504.

Piñeiro, R. (2004): *Cartas de Ramón Piñeiro a Ricardo Carballo Calero* (Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro).

Rábade, X. C. (1980): *Normas ortográficas do idioma galego: guía e comentários* (A Corunha: Editorial La Voz de Galicia. Coleção Biblioteca Gallega, Serie Nova).

RAG = Real Academia Gallega (1971): *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego* (A Corunha: Real Academia Gallega).

Sánchez Rei, X. M. (2008): «Algunhas observacións sobre a Gramática elemental del gallego común de Ricardo Carvalho Calero», *Madrygal* 11, 101-112.

Vázquez Cuesta, P. (1967): «A propósito de la Gramática Gallega de Carballo Calero», *Grial* 16, 192-196.